

Relações entre estados adultos

A visita do Presidente Ramalho Eanes a Moçambique, só de per si, constituiu um importante marco histórico nas relações entre os dois países, trazendo a lume o aproveitamento de um largo campo de cooperação mutuamente vantajosa. Se bem que ao realizar-se, esta visita tenha selado um passado histórico ainda recente e bem amargo para os dois povos, tal não poderia ter sucedido desta forma não fora a forma corajosa como os dois Chefes de Estado tornaram possível o acontecimento.

Durante o banquete de Estado de retribuição oferecido, sábado à noite, pelo Presidente português, Ramalho Eanes, ao seu homólogo Samora Machel, foi, efectivamente, possível verificar esta boa vontade. Foram bastante significativas as palavras do Chefe de Estado moçambicano, dirigidas ao General Ramalho Eanes, mais em jeito de recado ao exército português do que formal alocução em banquete de Estado. Para quem, habituado a remoer-se na dor das feridas mal cicatrizadas, ou perseguido pela sombra de uma guerra que teve uns escassos seis anos para cicatrizar as feridas que provocou, ouvir dizer que tanto o sangue dos soldados moçambicanos como o dos portugueses se transformou numa unidade de aço é de profundo significado na criação de uma nova mentalidade.

Com efeito, mandar dizer a alguém que os homens que matou constituíram-se em ponte «através de que havemos de atravessar da Europa para a África e vice-versa» tem a dimensão de um perdão que se concede a um inimigo de muitas batalhas de uma guerra. Isto demonstra que um exército jamais pode, unilateralmente, mover uma guerra, sem que haja os que, ao nível da superestrutura ideológica, decidem e ordenam. Aliás, este aspecto foi bem

saliente ao longo do improviso de Samora Machel ao fazer notar que os «soldados portugueses haviam sido utilizados como suporte do regime colonial-fascista».

Ainda durante o seu improviso, o Presidente Samora Machel, desta feita dirigindo a palavra à esposa do General Ramalho Eanes, considerou a pátria moçambicana uma segunda pátria para «as crianças inocentes de Portugal, as viúvas que perderam os seus maridos em Moçambique, as noivas que não

ferentes nacionalidades. É, pois, de extrema importância saber que a pátria moçambicana acolhe com simpatia todos os que, neste solo, perderam uma parte de si, que é um ente querido.

Considerando Ramalho Eanes o cidadão n.º 1 de Portugal, o Presidente Samora Machel acrescentou que a presença do destacado estadista no nosso país foi, para a história, a «prova eloquente de que a nossa amizade perdurará e persistirá sobre todas as vicissitudes». Samora Machel não deixou de referir quão estranho se afigura ao Povo moçambicano que o Presidente Ramalho Eanes nem sempre seja tratado em Portugal com a dignidade que o seu cargo e a sua pessoa exigem.

No seu improviso, o Chefe de Estado português havia dado a tônica ao facto de terem sido ultrapassadas as ambiguidades que pai-



O Chefe de Estado moçambicano, durante o seu improviso no banquete de retribuição

chegaram a casar e aos pais que perderam os seus filhos».

Ao longo destes seis anos da idade da nossa soberania, vários são os factos que evidenciam este pormenor. Com efeito, muitos são os moçambicanos que têm pais portugueses, sendo assim que muitas famílias têm os seus membros de di-

ravam nas relações entre os dois países, bem como ao interesse que Portugal tem no crescimento de Moçambique, dada a posição daquele como interlocutor privilegiado deste.

As provas de carinho e gentileza, a forma calorosa como foi recebido em todas as partes que visitou

Aspecto da conferência de imprensa concedida pelo General Ramalho Eanes



BALSEMÃO CONVIDADO A VIR A MOÇAMBIQUE

O Presidente Samora Machel convidou o Primeiro-Ministro de Portugal, Francisco Pinto Balsemão, a visitar oficialmente a República Popular de Moçambique.

O convite foi feito pelo Chefe de Estado moçambicano, quando no passado dia 29 de Novembro recebia em Maputo o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, André Gonçalves Pereira, em representação do Governo do seu país.

Esteve igualmente presente ao encontro o Ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano.

durante os seis dias da sua estada em Moçambique, mereceram os agradecimentos de Ramalho Eanes. Finalmente, Ramalho Eanes convidou Samora Machel a visitar Portugal, tendo, o convite sido aceite.

INTENSIFICAÇÃO DA COOPERAÇÃO

A ideia da intensificação das nossas relações reside na aceitação das normas que decorrem da soberania de dois Estados e de dois povos que se respeitam, foram estas palavras com que Ramalho

Eanes abriu a conferência de imprensa, que marcou o termo da sua visita à RPM.

Ramalho Eanes considerou que os caminhos para o bom entendimento entre os dois países estava agora aberto. No quadro do desenvolvimento das boas relações entre Moçambique e Portugal, o Ministro português dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira, indicou que as posições do Governo são inteiramente coincidentes com as do Presidente da República. Esta afirmação veio a propósito de uma pergunta sobre as divergências existentes entre o Chefe de Estado

e o gabinete do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão.

Quanto à interpretação que a visita de Ramalho Eanes possa merecer por parte das autoridades sul-africanas, o Chefe de Estado português mostrou não ser preocupação de Portugal o que os outros Estados possam pensar sobre a sua visita.

Sobre as actividades de grupos que atentam contra a soberania de Moçambique, Ramalho Eanes diria que tais atitudes desagradam também a Portugal e prometeu, dentro das leis vigentes, encontrar uma solução adequada para o problema. Como se sabe, grande parte dos dirigentes do auto-intitulado Movimento de Resistência são cidadãos portugueses a viverem em Portugal, de onde lançam a sua propaganda e recrutam saudosistas do colonialismo em Moçambique.

Em relação ao problema da Namíbia, o Presidente português reafirmou o seu apoio à independência e autodeterminação do Sudoeste Africano, no âmbito da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. □